

## Veículos de Publicação e Preparação de Submissões Para Revistas Científicas

Marisa Torres da Silva

Instituto de Comunicação da NOVA,  
Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0003-1136-4232>

A partir da minha experiência enquanto investigadora e enquanto diretora da revista *Media & Jornalismo*<sup>1</sup>, procurarei estruturar este breve texto no sentido de abordar a questão “como preparar a escrita para a publicação?”.

Em primeiro lugar, a preparação de um texto depende da publicação para a qual o pretendemos direccionar. Será diferente preparar um texto para uma revista científica, veículo sobre o qual me debruçarei particularmente nestas páginas, ou para um capítulo de livro, onde existe uma maior liberdade e, diria até, uma maior autonomia intelectual, devido a uma estrutura talvez menos rígida. Será igualmente diferente preparar um relatório, um documento de carácter mais descritivo, ou até um ensaio ou um comentário. Sobretudo para quem está no doutoramento, será importante pensar nos veículos de publicação mais adequados para os fins almejados. Importa ainda tornar a pesquisa relevante, não só para a comunidade académica, mas igualmente para o grande público, considerando o seu impacto social.

Se, em tempos, outros outputs científicos, como livros ou comunicações, eram mais valorizados, atualmente, publicar em revistas indexadas com fator de impacto

---

<sup>1</sup> A revista *Media & Jornalismo* é uma revista científica portuguesa na área dos estudos dos *media* e do jornalismo. Encontra-se em acesso aberto, sendo atualmente publicada semestralmente pelo Instituto de Comunicação da NOVA. A publicação encontra-se indexada na Scopus, estando ainda presente no Directory of Open Access Journals e no SciELO Portugal.

é o que mais peso tem, dentro da lógica do “publicar ou perecer”<sup>2</sup>. A submissão de artigos para estas revistas implica, no entanto, um longo e complexo processo de revisão por pares, muitas vezes inglório, o que traz desânimo e frustração para a/o investigador(a), em caso de rejeições sucessivas. Adicionalmente, a preocupação com a submissão de artigos científicos, sobretudo em revistas de alto fator de impacto (maioritariamente em língua inglesa), tem impacto no modo como se faz ciência. Por um lado, comporta uma quase escravização a métricas e a rankings que hoje determinam o sucesso académico e científico e, por outro, talvez ainda mais grave do que isso, pode significar a conformação a uma série de convenções de escrita e até de pensamento que estão a tomar conta da construção de conhecimento científico<sup>3</sup>, numa engrenagem montada para segmentar um tema de pesquisa no maior número de “produtos” científicos possíveis.

Numa fase inicial, será, contudo, necessário analisar as “regras do jogo”<sup>4</sup>, porque destas pode depender a progressão na carreira. No entanto, assim que se adquire uma certa independência científica, defendo a necessidade de um trabalho de libertação progressiva das métricas que atualmente asfixiam a produção científica. Isso deve ser feito em nome das exigências cada vez maiores que se colocam a quem inicia o seu percurso na investigação e do legado que académicos mais séniores poderão deixar aos mais jovens.

Pessoalmente, tento publicar em boas revistas, mas, agora que tenho alguma “independência”, também procuro outras formas de disseminação do meu trabalho. Há que encontrar um equilíbrio entre a procura de visibilidade internacional e de reconhecimento pelos pares (que resulta de um processo de revisão por pares bastante exigente) e entre formas de resistência à obsessão pelos fatores numéricos de impacto, pensando, também, no impacto “real” do nosso trabalho (porque é importante? A quem serve?).

---

2 “‘Publicar ou perecer’ (*Publish or perish*) é uma frase comum usada para descrever a pressão que pesquisadores enfrentam para publicar seus resultados de pesquisa, a fim de permanecer relevante e ser bem sucedido no seio da comunidade académica. O termo tem sido usado há muito tempo embora a origem da frase seja um tanto obscura” (Plume & van Weijen, 2014, para. 1).

3 A este propósito, Suzina (2021) refere aliás o modo como a domesticação da língua conduz a uma “dominação epistemológica”, na qual a produção latino-americana acaba por ser invisível nas publicações académicas internacionais.

4 O paradigma de ciência vigente “exclui da ciência tudo aquilo que não se publica em inglês (mas em outras línguas), que não se publica sob a forma de artigos científicos (mas sob a forma de livro ou capítulo de livro, por exemplo), que não tem uma feição indutiva que lhe permita adequar-se ao modelo IMRaD ([introdução, metodologia, resultados e discussão] mas que é crítico-racional ou ensaístico), cujo fator de impacto não se pode medir em termos bibliométricos (mas tem, por exemplo, impacto social ou cultural)” (Serra, 2017, p. 269). Para saber mais sobre este assunto, ver também Capítulo 1 desta obra.

Nesse sentido, a estratégia sugerida por Mark Deuze<sup>5</sup> (sobretudo para investigadores mais experientes) parece-me bastante razoável: de 3 em 3 anos, submeter um artigo para uma revista de “topo” e, no tempo restante, trabalhar e fazer aquilo que queremos, divulgando na plataforma que entendermos como mais adequada. Outra sugestão poderá ser a hipótese de trabalho em equipa<sup>6</sup> na produção de artigos científicos, em coautoria, o que ameniza a quantidade de tarefas atribuídas individualmente ao investigador e facilita a preparação da escrita.

Dedicando-me agora especificamente à preparação de artigos para revistas científicas, será de notar que da preparação do texto faz parte um trabalho prévio: a atenção às chamadas de artigos (*call for papers*) relacionadas com o nosso objeto de estudo e a observação de revistas que aceitam artigos todo o ano, sem restrições temáticas. Será igualmente importante estudar prazos de submissão e de revisão, podendo, neste último caso, recorrer-se a outros investigadores com experiência em determinada revista.

Quando finalmente se escolhe, deixando sempre outras opções para o caso de acontecer uma rejeição, é necessário estudar o âmbito da revista, o tipo de textos que aceitam (unicamente artigos ou também ensaios e resenhas) e as regras formais e estilísticas. A preparação do texto deve ser adequada e adaptada à publicação, podendo ser útil ver outros artigos já em arquivo.

A estrutura pode variar muito, mas existe um modelo “clássico”: introdução, objetivos e perguntas de partida, revisão de literatura/estado da arte, metodologia, análise e discussão, conclusões. Na revisão de literatura deve frisar-se bem o que existe e não existe, fazer uma definição exaustiva do que se conhece acerca do problema; mostrar a relevância do que estamos a propor, que falhas de conhecimento vem preencher e que contributos traz para o campo. Na metodologia, é importante explicar porque se seguiu a estratégia em questão (e não outra) no sentido de responder aos objetivos e às perguntas de investigação. Na discussão, recomendaria retomar aspetos da revisão de literatura para evitar uma estrutura meramente descritiva, denotando um esforço reflexivo e de contributo para o conhecimento.

Por fim, deixo algumas outras sugestões:

---

5 Esta sugestão foi feita aquando do Encontro Imersivo com os membros da Comissão Externa Permanente de Aconselhamento Científico do Instituto de Comunicação da NOVA, que decorreu entre os dias 29 e 30 de junho de 2022, no Convento da Arrábida, em Setúbal.

6 Penso que o trabalho coletivo tem tido alguma valorização, ainda que o peso simbólico do “*solo paper*” se mantenha. Em caso de coautoria, tem havido um interesse maior pela identificação da contribuição individual de cada interveniente na produção científica. Em algumas publicações, já há exigência de que os autores declarem a contribuição de cada um. Em particular, existe a metodologia CRediT (*Contributor Roles Taxonomy*), “que tem sido adotada para atribuição de contribuições, vinculando-as aos metadados do artigo e a um identificador persistente do autor (ex: ORCID)” (Pub IN, 2022, para. 3).

- em revistas de revisão cega, preservar o anonimato, retirando menções à autoria no texto e nas propriedades do documento. É também conveniente anonimizar as referências bibliográficas referentes ao autor ou autores<sup>7</sup>, mas convém seguir as regras específicas da revista em questão;
- estar atento às questões éticas na investigação;
- usar boas práticas na garantia da qualidade e integridade científica<sup>8</sup>, rejeitando o plágio e o autoplágio<sup>9</sup>;
- optar por uma escrita simples, direta, compreensível, sem frases demasiado longas, adjetivos e advérbios em excesso; e sem hermetismo, já que vamos ser lidos por pares, mas também podemos querer atingir um público mais vasto;
- se a escrita for noutra língua que não a materna, optar por revisão linguística profissional;
- seguir as normas de referência e de estilo da publicação, podendo recorrer-se a softwares de gestão de bibliografia, como o Mendeley ou o Zotero.

## Referências

- Plume, A., & van Weijen, D. (2014, 2 de outubro). Publicar ou perecer? O crescimento do autor fracionado... - Publicado originalmente na newsletter Elsevier “Research Trends Issue 38”. *SciELO em Perspectiva*. <https://blog.scielo.org/blog/2014/10/02/publicar-ou-perecer-o-crescimento-do-autor-fracionado-publicado-originalmente-na-newsletter-elsevier-research-trends-issue-38/#.Y49aXerP1D9>
- Pub IN. (2022, 10 de fevereiro). *CRedit - Taxonomia para contribuição de autores*. <https://www.pubin.pt/apoio/credit-taxonomia-para-contribuicao-de-autores/>
- Serra, P. (2017). As línguas francas em ciência e a questão dos paradigmas. In M. L. Martins (Ed.), *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de ciências sociais e humanas - O caso das ciências da comunicação* (pp. 261-276). Húmus. <https://hdl.handle.net/1822/49365>
- Suzina, A. C. (2021). English as lingua franca. Or the sterilisation of scientific work. *Media, Culture & Society*, 43(1), 171-179. <https://doi.org/10.1177/0163443720957906>

---

7 A autocitação deve ser usada com parcimónia. Podemos evidenciar que já temos trabalho numa determinada temática, mas não aproveitar toda e qualquer oportunidade para fazer referência às nossas publicações. Existem, aliás, revistas científicas com normas a este respeito. Os revisores de artigos científicos também devem, a meu ver, seguir essa orientação.

8 A este propósito, consultar os recursos e as orientações da Committee on Publication Ethics.

9 Se apresentamos como inédita a totalidade ou uma parte de um texto que já publicamos noutra publicação, isso é autoplágio.